

Estratégias de assentamento: uma análise sobre o sítio arqueológico Rincão dos Albinos, Planalto de Santa Catarina – Brasil

Raul Viana Novasco*
Pedro Ignácio Schmitz**

NOVASCO, R.V.; SCHMITZ, P.I. Estratégias de assentamento: uma análise sobre o sítio arqueológico Rincão dos Albinos, Planalto de Santa Catarina – Brasil. R. Museu Arq. Etn., 27: 213-225, 2016

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de interpretação sobre o processo de formação do sítio arqueológico Rincão dos Albinos, elaborada a partir de resultados obtidos através de escavações arqueológicas e análises cartográficas. O referido sítio arqueológico está localizado no município de São José do Cerrito, planalto sul de Santa Catarina, e é composto por 107 casas subterrâneas de dimensões diversas, agrupadas em dois núcleos principais, ocupando uma área total de aproximadamente 6 hectares. Através das escavações arqueológicas, principalmente a partir de dados estratigráficos e cronológicos, foram obtidas informações parciais a respeito do processo de formação do sítio que, conforme sugerem as datas obtidas, tem início há 1.400 anos AP e se estende até 800 anos AP. No decorrer desta ocupação, estratégias de assentamento e uso do espaço foram desenvolvidas e, por meio de levantamentos topográficos, foi possível identificar elementos que nos permitem inferir a existência de variáveis que interferiram nas escolhas feitas pelos construtores das casas subterrâneas, em relação a sua localização e dispersão.

Palavras-chave: Arqueologia, Paisagem, Casas subterrâneas, Jê Meridional, Rincão dos Albinos

Introdução

Na última década, diferentes projetos de pesquisa arqueológica têm sido executados nas terras altas do estado de Santa Catarina. Em geral, estes projetos são conduzidos sob uma abordagem regional (Binford 1962) e buscam identificar regularidades e disparidades no registro arqueológico que, de alguma forma, caracterizem o processo de ocupação pré-colonial empreendido pelos povos Jê

Meridionais neste território. Como resultado parcial, avanços consideráveis têm sido alcançados e, a partir destes, contribuições a respeito da organização social, da economia/mobilidade e dos aspectos simbólicos desses grupos surgiram e, atualmente, vêm sendo amplamente discutidos (Iriarte *et al.* 2013; Corteletti *et al.* 2015; Souza *et al.* 2016; Mergen 2016; Schmitz *et al.* 2016a; Schmitz *et al.* 2016b).

É nesse mesmo contexto geográfico – planalto de Santa Catarina – que se insere a pesquisa que dá origem a este trabalho; contudo, ao invés de discutir a história cultural dos grupos Jê Meridionais e o processo de ocupação destes sobre o planalto sul brasileiro, aqui será aplicada uma abordagem intra-sítio, a partir da qual se buscará compreender a dinâmica de

(*) Pesquisador do Instituto Anchietao de Pesquisas. UNISINOS. São Leopoldo. <raulnovasco@gmail.com>

(**) Diretor e pesquisador do Instituto Anchietao de Pesquisas. Docente da UNISINOS. São Leopoldo. <anchietano@unisinisinos.br>

ocupação de um sítio arqueológico, denominado Rincão dos Albinos.

Assim como Binford (1982), entendemos as ocupações e os registros materiais destas como representações de um sistema vivo, caracterizado pelo uso de determinados lugares por pessoas que compõem um dado sistema cultural. Dessa forma, conforme afirma Binford (1982: 357), as consequências materiais de uma ocupação podem e devem ser compreendidas enquanto documentos que resguardam aspectos organizacionais ou fases de operação do sistema cultural em estudo, neste caso, especificamente, o sistema cultural Jê Meridional pré-colonial.

Assim, pautados nas justificativas apresentadas por Binford (1982) para chamar atenção para a importância de se compreender as diferentes unidades que compõem uma ocupação; na esteira do que propõe Schmitz *et al.* (2002) com seus trabalhos executados sobre sítios de casas subterrâneas no município de Vacaria, estado do Rio Grande do Sul; e buscando atender, mesmo que parcialmente, os ensinamentos de Beber

(2004), que atenta para a necessidade de se ampliar as problemáticas a respeito dos assentamentos desta tipologia, desenvolvemos este ensaio.

Trata-se da tentativa de captar e discutir os elementos básicos e estratégias de assentamento que nortearam o processo de ocupação do sítio arqueológico supramencionado. Serão mais enfaticamente abordados os aspectos relacionados à distribuição das estruturas sobre a topografia e a influência de determinadas condicionantes ambientais na escolha dos locais para a construção 107 estruturas subterrâneas que compõem o sítio.

O Rincão dos Albinos

O sítio arqueológico do Rincão dos Albinos está situado no interior do município de São José do Cerrito, região do planalto sul de Santa Catarina. O local onde o sítio está implantado se insere na microbacia hidrográfica do Arroio dos Ribeiros, afluente da margem esquerda do Rio Canoas, que, por sua vez, juntamente com



Fig. 1. Estruturas subterrâneas no Rincão dos Albinos. Foto do autor.

o rio Pelotas, forma o Rio Uruguai. Nesta região o relevo é bastante acidentado, caracterizado por vales dissecados, esculpido sobre rochas basálticas da Formação Serra Geral. A cobertura vegetal é característica de floresta ombrófila mista em regeneração. (fig. 1).

Este sítio, assim como outros localizados e já estudados na região dos Campos de Lages, foi mapeado por Maria José Reis na década de 1970, e foi revisitado entre os anos 2008 e 2009 pela equipe do IAP-Unisinós, que realizou a atualização de seu cadastro (Beber 2013). Conforme demonstram Reis (2007 [1980]) e Beber (2013), sobre a região em que o sítio está localizado, mais especificamente no município de São José do Cerrito, foram identificadas dezenas de sítios arqueológicos compostos por casas subterrâneas, os quais, variam consideravelmente em determinados aspectos. Um dos aspectos a serem destacados diz respeito a morfologia das estruturas (casas subterrâneas) que compõem os sítios. Em geral, as casas subterrâneas são circulares e possuem dimensões bastante diversificadas, variando entre 2 e 20 metros de diâmetro (Reis 2007 [1980]: 119). Assim como o diâmetro, a profundidade das estruturas também varia, podendo ser de 0,10 metro ou 7 metros (Beber 2013).

O outro aspecto aqui destacado, se refere à quantidade de estruturas que compõem cada sítio. Segundo Beber (2013), os sítios mapeados em São José do Cerrito podem ser compostos por 1 estrutura isolada ou por 68 estruturas concentradas sobre uma área aproximada de 1 hectare. Sobre esse aspecto, pouco se tem avançado por meio das pesquisas desenvolvidas nas diferentes frentes de investigação que atuam sobre o planalto de Santa Catarina. O que se aventa, até o momento, é que a variação quantitativa verificada entre os sítios pode estar relacionada às diferentes funções desses sítios dentro de um sistema de assentamento (Reis, 2007 [1980]); ou representam diferentes estágios do processo de transformação cultural percorrido pelos povos construtores de casas subterrâneas (Mergen 2016).

Retomando a descrição sobre o sítio arqueológico Rincão dos Albinos, cabe mencionar que este é composto pelas áreas definidas por

Maria José Reis (2007 [1980]) como dois sítios, a saber, SC-CL-70 e SC-CL-71. A opção de tratar estes dois sítios como um único sítio está alicerçada na concepção apresentada por Chang (1968), que entende que o sítio arqueológico pode ser definido como local físico ou conjunto de locais onde membros de uma comunidade viveram, garantiram sua subsistência e exerceram suas funções sociais em dado período de tempo. Também considerada neste trabalho, é a proposição de Feder (1997), que definiu sítio arqueológico como uma zona descontínua e delimitada onde seres humanos viveram, trabalharam ou aí tiveram qualquer atividade e onde indícios físicos resultantes dessas atividades podem ser recuperados por arqueólogos. Assim, a partir das definições apresentadas, decidimos tratar os dois sítios mapeados por Maria José Reis como um único sítio, considerando que as estruturas que os compõem estão diretamente associadas cultural, espacial e cronologicamente.

Portanto, o sítio arqueológico Rincão dos Albinos é composto por duas áreas de concentração de estruturas subterrâneas, as quais são separadas por um pequeno fluxo d'água que drena o topo da colina onde o sítio está localizado. (fig. 2).

O núcleo situado ao norte do fluxo de água está localizado sob as coordenadas geográficas 27°31'42"S / 50°37'47"W (datum SIRGAS 2000) e foi cadastrado por Reis (2007 [1980]) como SC-CL-70, no qual a autora identificou a ocorrência de 36 casas subterrâneas¹, cujos diâmetros variam de 8 a 2 metros. Já o núcleo situado ao sul do fluxo de água está localizado sob as coordenadas geográficas 27°31'44"S / 50°37'38"W e foi cadastrado como SC-CL-71 e, neste, a autora identificou 68 casas subterrâneas - cujos diâmetros também variam de 8 a 2 metros - 4 aterros circulares e 6 aterros elipsoidais. Durante sua pesquisa Maria José Reis não realizou intervenções nos dois sítios, mas complementou as descrições das estruturas através de plantas topográficas planialtimétricas.

1 Durante as atividades de recadastramento do sítio, realizados pela equipe do IAP-UNISINÓS no ano de 2011, três outras casas subterrâneas foram identificadas dentro do núcleo norte, passando este a ser composto por 39 estruturas.

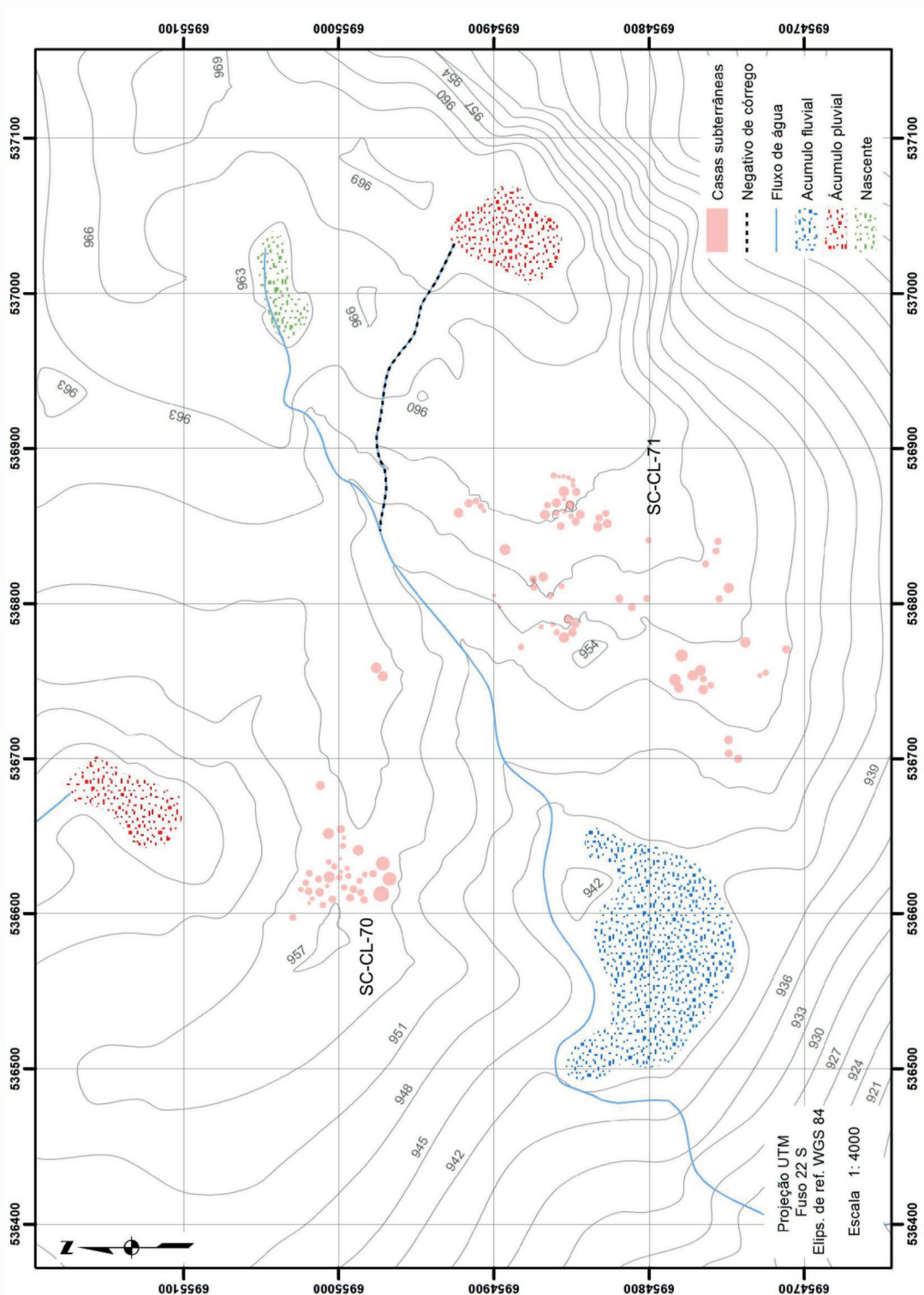


Fig. 2. Caracterização do sítio Rincão dos Albinos. Elaborado pelo autor.

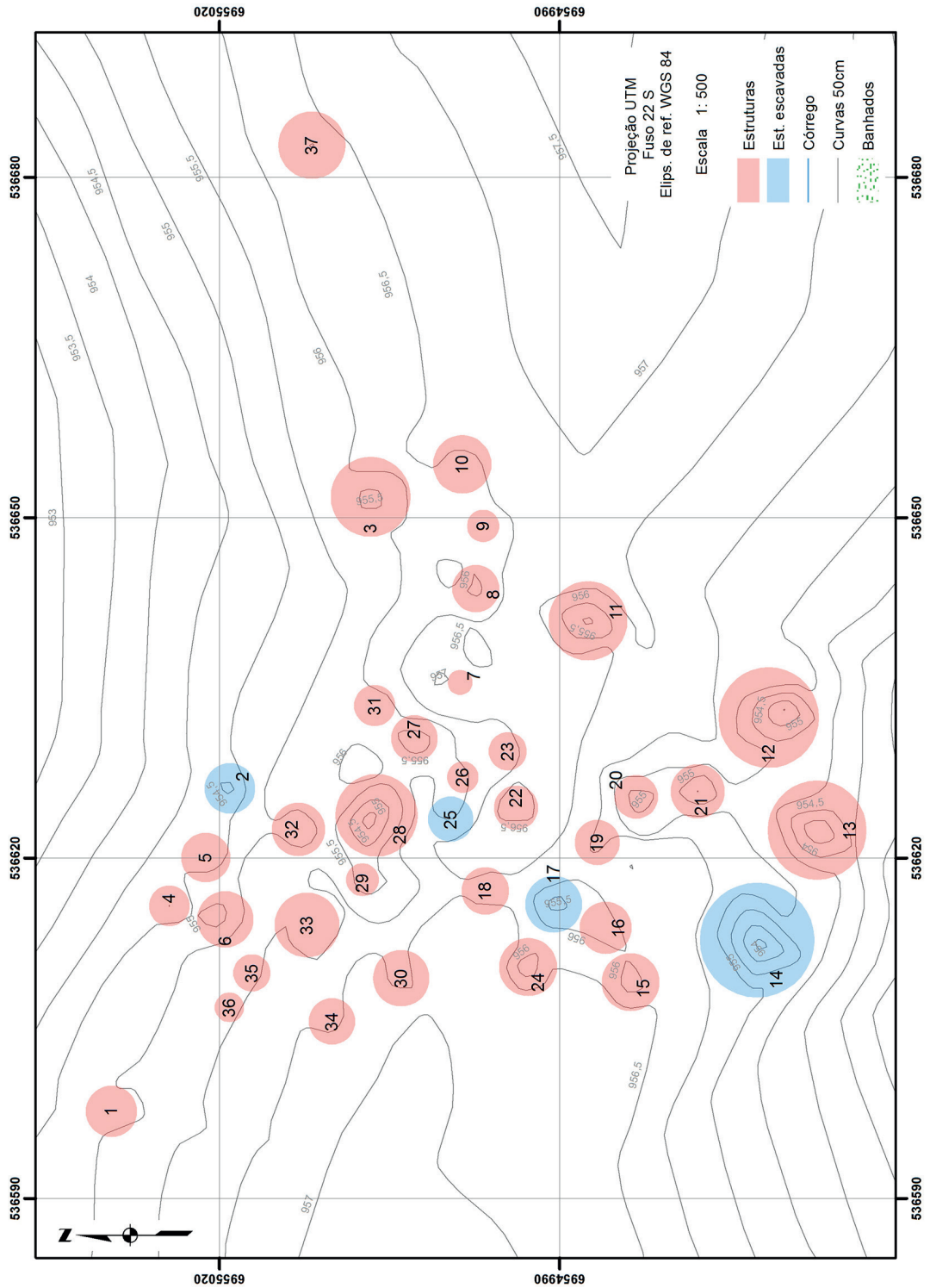


Fig. 3. Núcleo norte do sítio Rincão dos Albinos. Elaborado pelo autor.

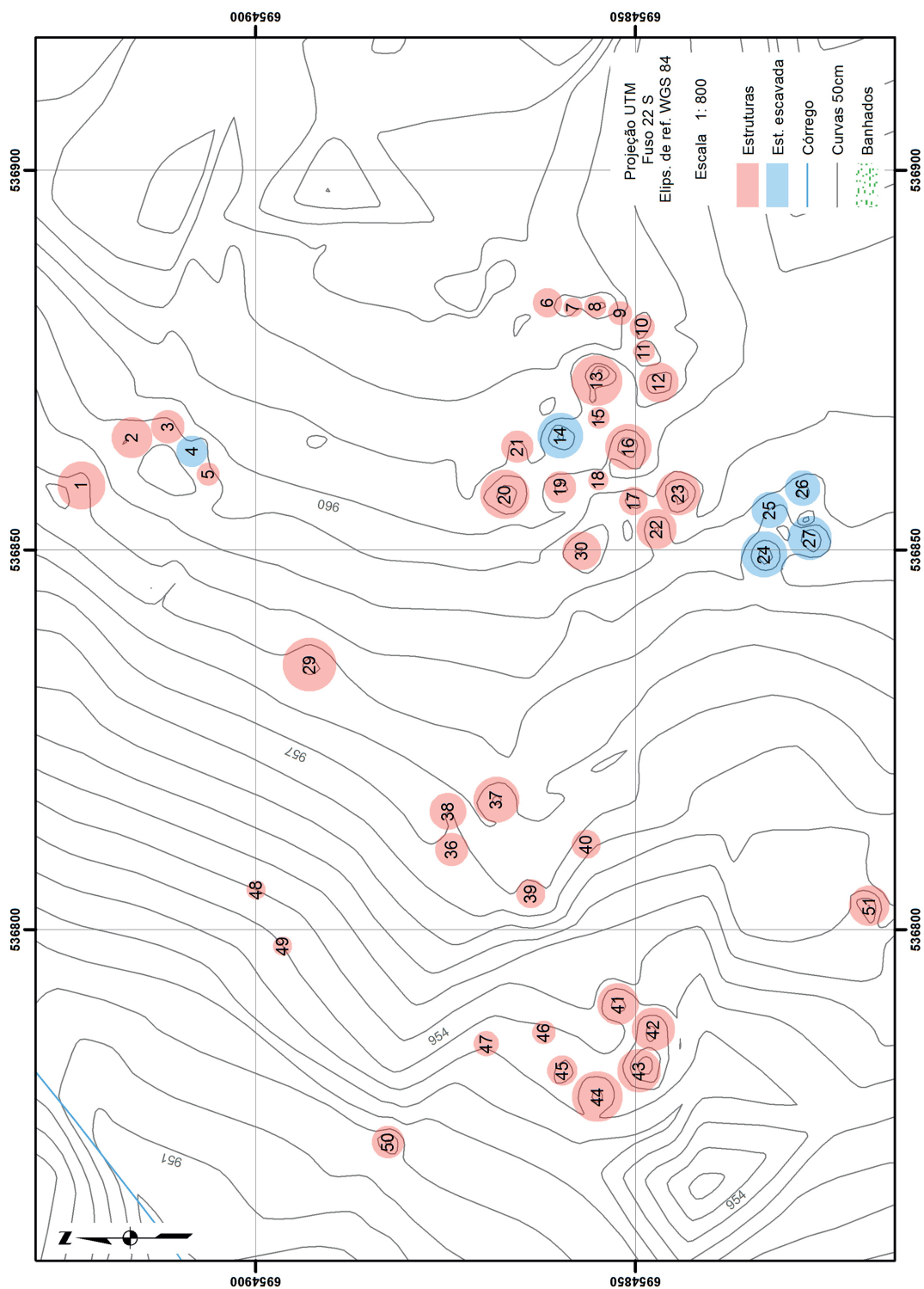


Fig. 4. Núcleo sul do sítio Rincão dos Albinos. Elaborado pelo autor.

Conforme pode ser verificado na figura 3, no núcleo norte, as 36 estruturas mapeadas por Reis encontram-se bastante agrupadas. À primeira vista, a disposição das estruturas leva a pensar que o sítio é produto de uma única ocupação realizada em dado momento por um único grupo que, por sua vez, seria composto por várias famílias; contudo, os estudos realizados nos últimos anos demonstram que estas estruturas são, na verdade, produto de ocupações empreendidas em períodos distintos. Já no núcleo sul, representado pela figura 4, as estruturas estão dispersas em, no mínimo, sete agrupamentos bem definidos, compostos por casas aglomeradas e, em alguns casos, unidas, formando “trincheiras”.

Apesar da aparente diferença na disposição das estruturas que compõem os dois núcleos, existem algumas características comuns a eles, principalmente no que tange à implantação dos assentamentos. Percebe-se que nos dois núcleos há um adensamento de estruturas nas partes mais altas dos terraços nos quais estão situados, logo, dentro da área de mata, imune a aumentos do nível do lençol freático. É nessas mesmas «cristas» que se encontram as estruturas com maiores dimensões.

O processo de ocupação empreendido pelos grupos Jê sobre a área que compreende o sítio Rincão dos Albinos está inserido em um horizonte cronológico que se inicia no século VII da nossa Era e se prolonga até o século XIII da nossa Era (Schmitz *et al.* 2013).

Foi possível verificar, por meio das escavações realizadas sobre uma parcela do sítio - 10% aproximadamente -, que as casas apresentam mais de uma ocupação cada, algumas sucessivas, outras com intervalos um pouco mais longos, não ultrapassando os 100 anos. Isso indica que o sítio resulta de investidas sazonais, mas contínuas, sobre esse local, empreendidas por grupos que, em determinada época, e por determinada razão, revisita esse espaço.

O que pretendemos com este artigo é demonstrar que a construção das casas se deu respeitando estratégias que consideravam e buscavam a proximidade dos recursos hídricos e, ao mesmo tempo, a fuga do alto lençol freático. Tais proposições foram desenvolvidas a partir de levantamentos topográficos, das escavações reali-

zadas sobre as casas subterrâneas, e das observações feitas em campo com o objetivo de verificar as variações de aumento e diminuição do fluxo hídrico e do lençol freático na área onde o sítio está implantado.

Estratégias de ocupação

É muito provável que as ocupações empreendidas no Rincão dos Albinos resultam, não só de estratégias de subsistência que objetivam a fácil obtenção de recursos e de energia. Sabemos que, além da busca pela base material que nutre fisicamente, existem os elementos cosmológicos que norteiam determinadas escolhas, contudo, o registro arqueológico presente neste sítio pouco, ou nada, nos fala sobre isso. Portanto, nossas análises estarão voltadas para a identificação das estratégias desenvolvidas para viabilizar a construção e a utilização das casas subterrâneas.

As casas subterrâneas que compõem este sítio estão implantadas sobre um topo de vertente bastante úmido, nos quais emergem e se acumulam as águas que alimentam os cursos d'água que drenam a microbacia do Arroio dos Ribeiros. Existem três nascentes no entorno dos dois núcleos de concentração de casas subterrâneas, duas que proveem água para um pequeno fluxo de água que deságua no Arroio dos Ribeiros na face sul do domo onde está implantado o sítio; e uma que escorre para o norte e alimenta um córrego tributário do Arroio dos Ribeiros, cuja toponímia é desconhecida. Das três nascentes, apenas uma encontra-se em atividade, sendo que as outras duas, aparentemente em decorrência do açoreamento, atuam apenas como banhados de acumulação pluvial. A única nascente em atividade atualmente dá origem ao fluxo que corre para a face sul do domo e é alimentada, também, pela acumulação pluvial de uma “bacia” caracterizada por uma elevação semicircular na forma de anfiteatro que direciona boa parte do fluxo de drenagem para a área da nascente. Nesta nascente tem origem um pequeno fluxo de água que corta transversalmente a área do sítio. Este mesmo fluxo drena boa parte do topo da vertente, recebendo a água que se acumula no alto lençol freático das pequenas

elevações que o circundam. Em determinado ponto do seu curso, mais especificamente na extrema entre o platô e a encosta íngreme, esse fluxo de água se espalha, dando origem a um banhado de acumulação fluvial, que também atua como área de acumulação pluvial.

Atualmente, em períodos de chuvas regulares, os banhados de acumulação pluvial se mantêm cobertos por uma lâmina d'água que, em alguns locais pode chegar a 30 centímetros; o fluxo de água atinge um volume de água representativo e estável, contudo, possivelmente devido a ações humanas recentes (ampliação e construção de canais de drenagem), a água pouco se acumula no banhado fluvial, formando lâminas de água de, no máximo, 10 centímetros. Em tempos pretéritos, no entanto, é muito provável que a dinâmica hídrica fosse diferente. A topografia local apresenta uma dissecação bastante evoluída, indicando um maior volume de águas e a ocorrência de atividades permanentes e mais intensas desse fluxo de água. Frente a isso, consideramos que o abastecimento de duas nascentes auxiliadas pelos fluxos de drenagem resultaria na abundância de água necessária para a subsistência de pequenos grupos humanos. (fig. 5).

A disposição das estruturas nos permite supor que os banhados de elevação e o fluxo de água que corta o sítio são os elementos catalisadores da ocupação no Rincão dos Albinos. Verifica-se claramente que as casas estão dispostas sobre áreas que não se distanciam dos locais de obtenção de água, concentrando-se, principalmente, no entorno do fluxo de água e do banhado de acumulação fluvial. A preferência dada por esses grupos aos locais de fácil e direto acesso à água fica ainda mais clara quando nos debruçamos sobre a planta do sítio, onde identificamos vazios demográficos em locais aparentemente propícios para a construção de habitações. São, pelo menos, três áreas com características muito semelhantes àquelas onde as casas estão situadas, mas que estão longe do fluxo de água e do banhado fluvial.

Outros trabalhos desenvolvidos sobre as casas subterrâneas se atentaram a relação entre as estruturas e essas pequenas unidades que compõe a rede hidrográfica das bacias

(Reis 2007 [1980]; Rogge & Schmitz 2009; Copé 2015), contudo, essa estreita relação entre os construtores de casas subterrâneas e os banhados de elevação ainda é pouco discutida em outras regiões. Rogge & Schmitz (2009), ao descreverem as características ambientais das áreas por eles pesquisadas no município de São Marcos (RS), informam que nas ondulações negativas dos patamares amplos, onde as cotas variam entre 700 e 800 metros, ocorrem banhados que dão origem a pequenos cursos de água que desembocam no Rio das Antas, e próximos à essas nascentes estão localizados os sítios com casa subterrânea. Copé (2015), evidenciou o mesmo padrão de assentamento nos sítios por ela identificados nos municípios de Bom Jesus e Pinhal da Serra. Conforme a autora, nos vales do rio Pelotas e do rio das Antas, os conjuntos de casas subterrâneas ocupam as partes mais altas do planalto, localizadas próximas às nascentes dos tributários dos rios supracitados.

Em pesquisas anteriores, desenvolvidas na localidade de Boa Parada, também no município de São José do Cerrito, verificou-se o mesmo padrão. Lá, as estruturas estão na órbita do banhado e do 'danceiro', demonstrando que a fonte de recursos de subsistência e o espaço cerimonial dividem o centro da área de implantação das casas subterrâneas (Schmitz & Novasco 2011).

Analisando a distribuição das casas subterrâneas dos núcleos norte e sul do Rincão dos Albinos, percebe-se movimentos distintos, mas baseados na mesma estratégia. No núcleo norte, ocorre uma maior agregação, e as casas estão dispostas sobre uma área de aproximadamente 3.500 m². As datas obtidas indicam que as primeiras casas foram construídas na borda sul da encosta do pequeno platô, portanto, no local mais próximo do fluxo de água e do banhado fluvial; e as últimas na borda norte. É provável que, além do fluxo e do banhado fluvial, a nascente situada nas proximidades seja explorada por esses grupos, viabilizando a dispersão das casas para a borda norte do platô, imediata à encosta da nascente. No entanto, como a área de acumulação dessa nascente é bastante reduzida, acreditamos que ela não respondesse à demanda das ocupações e, por isso, mais casas não foram construídas na sua órbita.

Duas casas do conjunto norte destoam completamente das demais. Elas estão distantes 120 metros do agrupamento geral, estando isoladas no topo do mesmo platô, mas apa-

rentemente voltadas somente para o fluxo de água. Essas casas são geminadas, e dividem o mesmo aterro, apresentando uma engenharia diferente das demais casas que compõem os

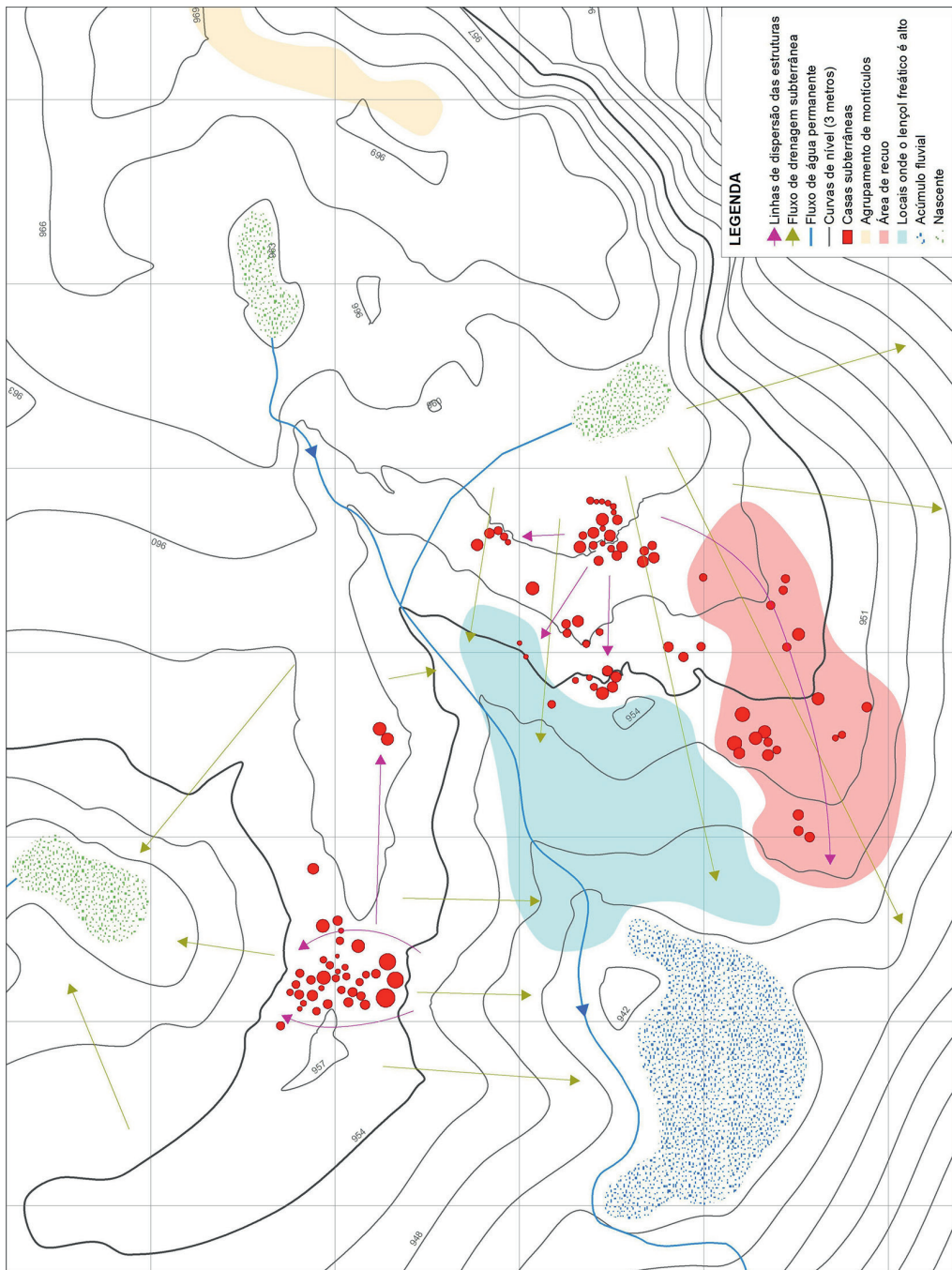


Fig. 5. Provável configuração hídrica local no sítio Rincão dos Albinos no início da ocupação Jê.

dois conjuntos e podem ser resultado de ocupações mais recentes. Não foram realizadas intervenções sobre essas casas e, por isso, dados de estrutura e cronologia não foram obtidos,

no entanto, independente da sua posição no panorama cronológico, elas representam a adoção de novas estratégias de ocupação que, por algum motivo, não foram repetidas.

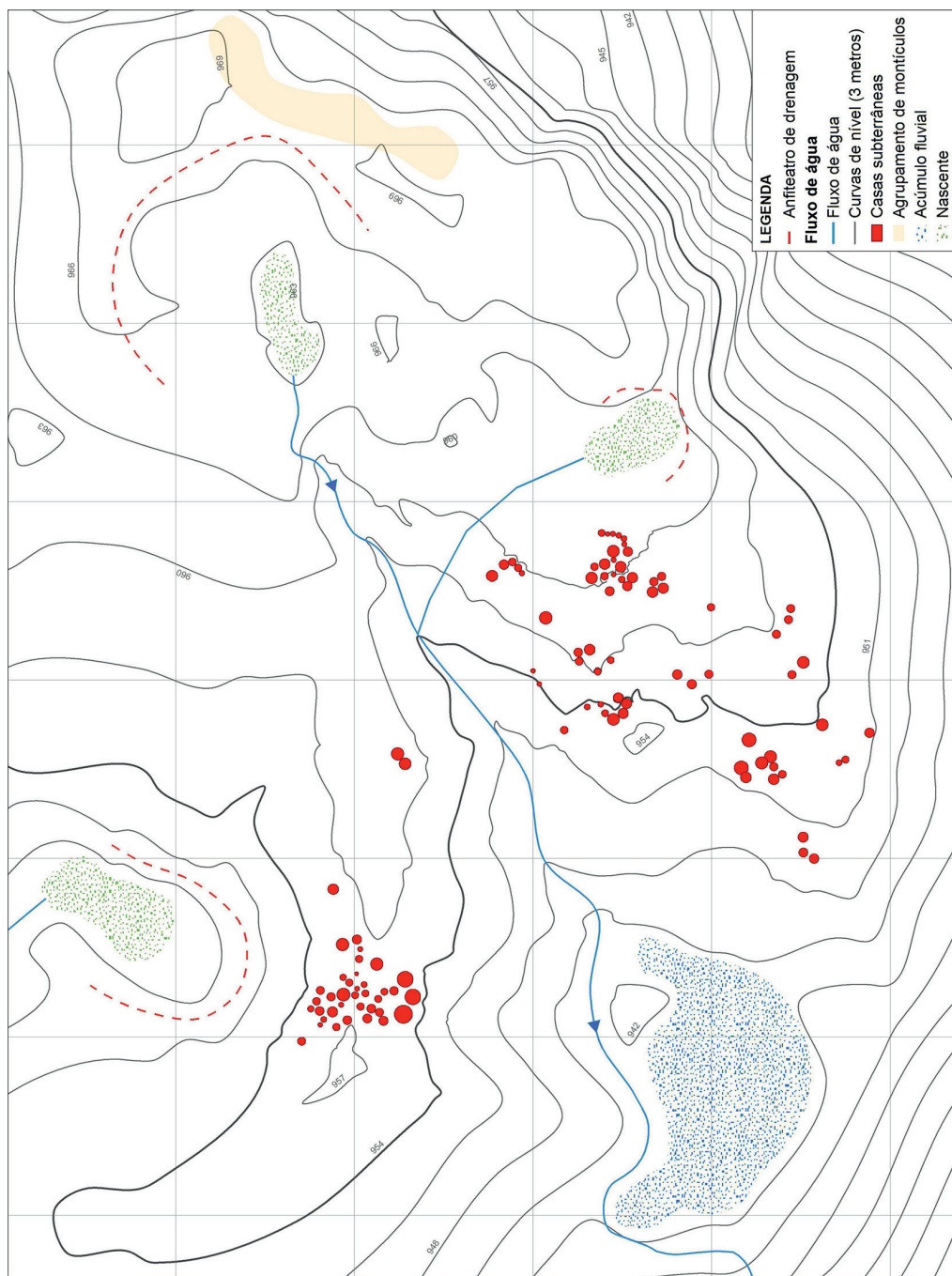


Fig. 6. Representação das estratégias de adaptação e ocupação identificadas no sítio Rincão dos Albinos.

No núcleo sul, o movimento de dispersão das estruturas segue um padrão bem definido. A declividade do terreno na área do núcleo sul é menos acentuada do que no núcleo norte, formando uma rampa suave e prolongada de orientação leste-oeste, que tem início nas nascentes que formam o fluxo de água, e se encerra no banhado fluvial. As curvas de nível mostram que os agrupamentos de casas subterrâneas estão situados acima do nível das casas do núcleo norte, mas abaixo do nível das nascentes, fazendo com que o lençol freático nessa área seja mais elevado. Portanto, associando a tímida declividade - que torna a drenagem deficiente -, e o elevado nível do lençol freático, verifica-se que existe um risco muito grande de que as casas sejam inundadas. Frente a isso, trabalhamos com a hipótese de que as estratégias de ocupação aplicadas neste núcleo foram desenvolvidas não só para atender à proximidade das fontes de obtenção de água, mas também para fugir das águas subterrâneas.

Propomos, também, que a ocupação nesse núcleo tem seu início no centro do platô cujas cotas variam entre 957 e 960 (agrupamento das casas 6 a 27). Acreditamos que, a partir dessa área, outros agrupamentos de casas foram sendo formados, primeiramente nos locais delimitados pelas cotas 954 e 962, consideradas seguras, e num segundo momento partindo para os locais onde as cotas são mais baixas, mantendo uma distância regular do fluxo de água e do banhado fluvial, mas defendem-se do lençol freático.

A planta topográfica do sítio mostra que, ao passo que as casas se aproximam das áreas mais baixas - portanto, do banhado pluvial -, se distanciam do fluxo de água, implantando-se sobre “áreas de recuo”. Essas “áreas de recuo” são identificadas a partir das curvas de nível, que apontam a existência de áreas menos erodidas pela dinâmica hídrica do local, que formam pontais que avançam na direção da encosta íngreme. Esses pontais seriam as últimas áreas nas quais seria possível escavar casas pouco profundas sem que a água subterrânea as invadisse. (fig. 6).

Consideramos a menor densidade de estruturas nas áreas mais baixas, bem como a morfologia das casas implantadas nesses locais, os principais registros dessa estratégia adotada

por esses grupos. Nas “áreas de recuo” ocorrem apenas pequenas casas esparsas que, pouco se destacam na paisagem. Entre as curvas de nível 948 e 951 ocorrem apenas três casas isoladas, sendo que uma delas permaneceu totalmente tomada por água durante o mês de janeiro de 2012, ano em que foram realizadas as atividades de levantamento topográfico. Além desta, a casa 60, pertencente ao conjunto de casas implantadas entre as curvas 951 e 954, também permaneceu tomada por água durante esse período, sem que fosse verificada alteração no nível de acúmulo de água. Já as casas situadas nas áreas mais altas, mesmo após algumas chuvas torrenciais, permaneciam pouco mais de um dia com água acumulada na sua base. Isso demonstra uma grande deficiência de drenagem nas casas implantadas nas cotas inferiores e, com certeza, esse fenômeno foi levado em consideração pelos construtores destas estruturas.

Considerações finais

Neste trabalho procuramos demonstrar, a partir dos dados obtidos no sítio arqueológico Rincão dos Albinos, estratégias de assentamento desenvolvidas pelos grupos construtores de casas subterrâneas em um período relativamente recuado e que, atualmente, representam o início da utilização das casas subterrâneas por esses grupos que ocuparam o planalto sul brasileiro.

Consideramos de fundamental importância que seja dada maior atenção aos elementos que indiquem uma interação consciente do homem com o meio onde está inserido. Para tal, é necessário investir em escavações mais amplas que contemplem não só os buracos das estruturas e que objetivem a obtenção de maiores informações a respeito das atividades externas às depressões, mas que também alcancem dados sobre o processo construtivo das casas subterrâneas, que deve ter deixado nos sítios registros de atividades na forma de acampamentos temporários e ‘canteiros de obras’. Dessa forma, atentar para as estratégias de assentamento, por exemplo, nos faz perceber que o espaço não é apenas “cenário”, mas sim um espaço conhecido e concebido, pois além de ter sido apreendido, ele foi transformado.

NOVASCO, R.V.; SCHMITZ, P.I. Settlement Strategies: An analysis on the Rincão dos Albinos archaeological site, highlands of Santa Catarina - Brazil. R. Museu Arq. Etn., 27: 213-225, 2016.

Abstract: This study aims to present a proposal for interpretation of the process of formation of the archaeological site Rincão dos Albinos, drawn from results obtained through archaeological excavations and cartographic analysis. Such archaeological site is located in the city of São José do Cerrito, southern highlands of Santa Catarina, and consists of 107 pit-houses of various sizes, grouped in two main cores and occupying a total area of, approximately, 6 hectares. By the archaeological excavations, mainly by the stratigraphic and chronological data, were obtained partial information about the site formation process, that, as suggested by the obtained dates, begins 1400 years AP and extends up to 800 years BP. During this occupation, settlement strategies and use of space were developed and, by land surveying, it was possible to identify elements that allow us to infer the existence of variables that interfere in the choice of builders of pit-houses in relation to their location and dispersal.

Keywords: Archaeology, Landscape, Pit-house, Southern Jê groups, Rincão dos Albinos

Referências Bibliográficas

- Beber, M.V. 2004. O Sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara/Itararé. Tese (Doutorado em História), São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).
- Beber, M.V. 2013. Sítios arqueológicos do município de São José do Cerrito, SC. Um panorama. *Pesquisas (Antropologia)*, 70: 43-64.
- Binford, L.R. 1962. Archaeology as anthropology. *American Antiquity*, 28 (2): 217-225.
- Binford, L.R. 1982. The archaeology of place. *Journal of Anthropological Archaeology*, 1 (1): 5-31.
- Chang, K.C. 1968. *Settlement archeology*. California: Palo Alto.
- Copé, S.M. 2015. A gênese das paisagens culturais do planalto sul brasileiro. *Revista de Estudos Avançados*, 29 (83): 149-171.
- Corteletti, R.; Dickau, R.; De Blasis, P.; Iriarte, J. 2015. Revisiting the economy and mobility of Southern proto-Jê (Taquara-Itararé) groups in the Southern Brazilian highlands: starch grain and phytoliths analyses from the Bonin site, Urubici, Brazil. *Journal of Archaeological Science*, 58: 46-61.
- Feder, K. 1997. Site survey. In: Hester, T.; Shafer, H.; Feder, K. (Eds.) *Field methods in Archaeology*. Mountain View: Mayfield Publishing Company, p. 41-68.
- Iriarte, J.; Copé, S.M.; Fradley, M.; Lockhart, J.J.; Gillam, J.C. 2013. Sacred landscapes of the Southern Brazilian highlands: understanding the Southern proto-Jê mound and enclosure complexes. *Journal of Anthropological Archaeology*, 32: 74-96.
- Mergen, N.M. 2016. *Complexidade na arqueologia do Jê Meridional: a contribuição de São José do Cerrito*. Dissertação (Mestrado em História),

- São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).
- Reis, M.J. 2007. *A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto catarinense*. Erechim: Habilis.
- Rogge, J.H.; Schmitz, P.I. 2009. Pesquisas arqueológicas em São Marcos, RS. *Pesquisas (Antropologia)*, 67: 23-132.
- Schmitz, P.I.; Novasco, R.V. 2011. Arqueologia no Planalto: o uso do SIG na aplicação de análises espaciais dos sítios arqueológicos da localidade de Boa Parada, município de São José do Cerrito. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnografia*, 21: 167-183.
- Schmitz, P.I.; Rogge, J.H.; Rosa, A.O.; Beber, M.V.; Mauhs, J.; Arnt, F. 2002. O projeto Vacaria: casas subterrâneas no Planalto Rio-grandense. *Pesquisas (Antropologia)*, 58: 11-105.
- Schmitz, P.I.; Rogge, J.H.; Novasco, R.V.; Mergen, N.; Ferrasso, S. 2013. Rincão dos Albinos: um grande sítio Jê Meridional. *Pesquisas (Antropologia)*, 70: 65-131.
- Schmitz, P.I.; Rogge, J.H.; Novasco, R.V.; Beber, M.V.; Ferrasso, S.; Perondi, V.; Mergen, N.M. 2016^a. De volta a Boa Parada, lugar de casas subterrâneas, 'aterros plataforma' e 'danceiros'. *Pesquisas (Antropologia)*, 72: 7-62.
- Schmitz, P.I.; Rogge, J.H.; Novasco, R.V.; Beber, M.V.; Ferrasso, S.; Perondi, V.; Mergen, N.M. 2016^b. Santo Antônio dos Pinhos em São José do Cerrito, SC: um teste para Boa Parada. *Pesquisas (Antropologia)*, 72: 63-98.
- Souza, J.G.; Corteleti, R.; Robinson, M.; Iriarte, J. 2016 The genesis of monuments: Resisting outsiders in the contested landscape of Southern Brazil. *Journal of Anthropological Archaeology*, 41: 196-212